

 <https://doi.org/10.31977/grifi.v24i2.4835>

Recebido: 25/04/2024 | Aprovado: 24/06/2024

Received: 04/25/2024 | Approved: 06/24/2024

## A FUNÇÃO DA MORTE NA PSICANÁLISE DO SENTIDO A PARTIR DE DELEUZE E BLANCHOT

Adriano Henrique de Souza Ferraz<sup>1</sup>

Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

 <https://orcid.org/0000-0003-1227-1556>

E-mail: [adrianohsferraz@gmail.com](mailto:adrianohsferraz@gmail.com)

### RESUMO:

O presente trabalho procura evidenciar o papel central do conceito de morte para uma teoria do não-sentido e uma psicanálise do sentido em Gilles Deleuze. É importante notar que Deleuze convoca as reflexões blanchotianas e lhes dá centralidade, anteriormente à criação da esquizoanálise junto a Felix Guattari, na formação de uma ideia de psicanálise do sentido a partir de *Diferença e Repetição e Lógica do Sentido*. Buscamos mostrar como, nesta proposta que articula filosofia e psicanálise, há uma passagem do pensamento genital ao pensamento do fora, ao qual o conceito de morte também contribui para a elucidação.

**PALAVRAS – CHAVE:** Deleuze; Blanchot; Morte; Psicanálise; Não Sentido.

## THE FUNCTION OF DEATH IN THE PSYCHOANALYSIS OF MEANING FROM DELEUZE AND BLANCHOT

### ABSTRACT:

This work seeks to highlight the central role of the concept of death for a theory of non-sense and a psychoanalysis of meaning in Gilles Deleuze. It is important to note that Deleuze summons Blanchotian reflections and gives them centrality, prior to the creation of schizoanalysis with Felix Guattari, in the formation of an idea of psychoanalysis of meaning based on Difference and Repetition and Logic of Meaning. We seek to show how, in this proposal that articulates philosophy and psychoanalysis, there is a transition from genital thinking to thinking about the outside, to which the concept of death also contributes to the elucidation.

**KEYWORDS:** Deleuze; Blanchot; Death; Psychoanalysis; Non-sense.

---

<sup>1</sup> Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo – SP, Brasil. Pós- doutorando(a) em Filosofia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos – SP, Brasil.



*A psicanálise não pode se contentar em designar casos, manifestar histórias ou significar complexos. A psicanálise é psicanálise do sentido.*  
(Deleuze, G. *Lógica do sentido*. 1974, p. 95)

## Inconsciente, morte e não-sentido

Gilles Deleuze, em *Diferença e Repetição* (1968), destaca as três grandes certezas da consciência que são removidas de si próprias na elaboração histórica do conceito de inconsciente: o não, o tempo e a morte. O inconsciente seria o lugar em que estas noções, que regem o princípio de realidade, são ignoradas. Deleuze produz uma compreensão não convencional da psicanálise, uma psicanálise do sentido anterior ao surgimento da esquizoanálise (Ferreira, 2016), ao notar que é incorreto afirmar que tais noções são simplesmente ignoradas pelo inconsciente. Sua investigação leva a compreensão dos modos diferenciais de seu funcionamento. Há, portanto, uma forma particular de não, de morte e de tempo no inconsciente que não são simplesmente ausências em sua estrutura, mas formas de sua constituição. Segundo Deleuze, o inconsciente “vive do (não)-ser dos problemas e das questões, mas não do não-ser do negativo que afeta somente a consciência e suas representações” (Deleuze, 2011, p. 151), isto é, o problemático no inconsciente diz respeito mais a um campo de indeterminação do que à negação na consciência. O inconsciente também ignora o tempo “porque não está jamais subordinado aos conteúdos empíricos de um presente que passa na representação, mas opera as sínteses passivas de um presente original” (*Ibidem*). E, por fim, “ignora a morte porque toda representação da morte concerne ao aspecto inadequado, ao passo que o inconsciente apreende o avesso, descobre a outra face” (*Ibidem*). Quando Freud se referiu ao não, ao tempo e à morte, tratava das formas de sua representação na consciência que organizam o sentido, o cotidiano e o senso comum acerca de tais ideias.

Não, morte e tempo, qualificados agora como **sínteses constitutivas do inconsciente** (Deleuze, 2011, p. 151), podem ser compreendidos por uma outra perspectiva se levarmos em conta as três sínteses da subjetividade, que são as três formas do tempo em sua filosofia da diferença: a sensibilidade, a memória e o ‘sem fundo’. Esta compreensão de outros tempos em jogo nas sínteses da subjetividade leva em alta conta três filósofos centrais: Hume, Bergson e Nietzsche. A sua articulação de três conceitos distintos de tempo renova a ideia de inconsciente, onde é possível compreender de outra maneira o não, o tempo e a morte, esta última tomando um lugar preponderante em relação às outras sínteses:

A primeira síntese exprime a fundação do tempo sobre um presente vivo, fundação que dá ao prazer a função de princípio empírico em geral, ao qual é submetido o conteúdo da vida psíquica no Isso. A segunda síntese exprime o fundamento do tempo por um passado puro, fundamento que condiciona a aplicação do princípio de prazer aos conteúdos do Eu. Mas a terceira síntese designa o sem fundo, onde o fundamento ele mesmo nos precipita: Thanatos é descoberto em terceiro como este sem fundo além do fundamento de Eros e da fundação do Hábito. (*Ibidem*)

Segundo *A Lógica do Sentido* (1969), Freud seria menos o descobridor da essência da alma ou do ‘sentido originário da profundidade humana’ do que da “maquinaria do inconsciente por meio da qual o sentido é produzido, sempre produzido em função do não-sentido” (Deleuze, 1974, pp. 75-76). Assim como a ideia de não-sentido não marca propriamente uma falta ou uma ausência na estrutura da linguagem e do inconsciente, a morte também não é, segundo o pensamento deleuziano, aquilo que se apresenta como ausência, limite ou separação da vida, mas sim como excesso no que se difere e se desloca no inconsciente. Buscaremos mostrar ao longo deste texto como a ideia de morte na base da formação desta estrutura sui generis do inconsciente deleuziano

se nutre na obra de Blanchot. Morte diferida como espaço dentro da própria vida em que não se cessa de morrer, onde o tempo ordinário é suspenso e se experimenta uma exterioridade, um lugar fora do sentido. A este modelo da morte como não-sentido em função do qual todo o sentido é produzido Deleuze concederá o título de princípio transcendental: não mais uma pulsão, mas um *instinto de morte* organizador do campo do sentido e da estrutura do inconsciente a partir de um ‘jogo de superfícies’ existente na passagem entre as palavras e as coisas. Deleuze se refere em seu livro de 69 ao exprimível, ao sentido-acontecimento, a este *aliquid* que nem é nem não é, mas subsiste. Assim, o que dá condição de possibilidade ao sentido ele próprio é a relação que ele mantém com o seu fora, como se as representações produzissem em defesa do sujeito um recobrimento, uma cauterização da ferida narcísica ao tentar unificar os pedaços fragmentados da heterogeneidade na superfície global de um eu.

Quando Deleuze diz que a morte e o inconsciente seguem o modelo do problemático, que são estruturados conforme o problema, significa que eles estabelecem uma relação de interrogação aberta em busca de uma solução que, por natureza, nunca será totalmente deslindada, dada a precariedade daquilo que o sentido institui. Logo, a morte, em Deleuze como em Blanchot, não diz respeito à tendência do orgânico ao inorgânico, como supunha Freud.

[...] a redução da morte à determinação objetiva da matéria inanimada manifesta o preconceito segundo o qual a repetição deve encontrar seu princípio último num modelo material indiferenciado, para além dos deslocamentos e disfarces de uma diferença segunda ou oposta. Mas, na verdade, a estrutura do inconsciente não é conflitual, oposicional ou de contradição; é questionante e problematizante. (Deleuze, 2011, p. 148)

A experiência da morte inerente ao inconsciente é caracterizada por Deleuze como “instância transcendental” (Deleuze, 2011, p. 333), ou seja, condição de possibilidade da produção do circuito de significações inerente a um determinado mundo. Se trata de uma morte mais complexa que a inanição da matéria inorgânica que interrompe empiricamente a vida porque está a todo momento presente nela e se revela nas suas experiências. Falar em uma ordem que concerne a esta morte no inconsciente é abordar o que se caracterizou como ‘ponto móvel deslocável’ em Blanchot (2011b, p. 7), energia de ligação no campo *neutro*. “É preciso interpretar a expressão “energia neutra” neste sentido: *neutro* significa então pré-individual e impessoal, mas não qualifica o estado de uma energia que viria juntar-se a um sem fundo, remete, ao contrário, às singularidades liberadas do eu pelo ferimento narcísico” (Deleuze, 1974, p. 220). Se o neutro, conceito central na obra de Blanchot, remete ao fora, ao pré-individual, ao impessoal, ao *real* em última instância, ele é aqui é o “fundo que sobe à superfície, mas que não deixa de ser fundo” (Fornazari, 2023. p 23). Mas porque neutro e sem fundo não se confundem?

Na *Lógica do Sentido*, Deleuze enfatiza que as superfícies metafísicas dos corpos são produzidas no sentido-acontecimento. O sentido teria então uma face voltada para dentro e outra para fora, por um lado palavra, por outro coisa, como ‘matéria incorporal’ que possibilita a experiência e a existência. Estranha matéria, porque os efeitos de superfície são alimentados pelo ressoar e pela atualização do processo de diferenciação, ou seja, pelo fundo. O sem fundo é aquilo que irrompe na superfície metafísica que nosso inconsciente produz sobre os seres e sobre nós mesmos. Sem fundo não é o que qualifica o neutro das profundidades objetais, mas sim o não-sentido liberado pela morte diferida, pela ruptura da superfície, “potência interna que libera os elementos individuantes da forma do Eu [*Je*] ou da matéria do eu [*moi*] que os aprisionam. (Deleuze, 2011, p. 333) O sem fundo é um *effondement*, um des-fundamento ou um a-fundamento da subjetividade.

Para Deleuze, a estrutura ‘problemática’ do inconsciente concerne ao engendramento das determinações a partir de um domínio indiferenciado. Dizendo de outro modo, o inconsciente, nos disfarces e deslocamentos, se encontra no jogo dos objetos perdidos, eus parciais e sujeitos larvares que irrompem a superfície do sentido/acontecimento atualizando a diferença em profundidade (fundo neutro) em diferença de superfície (sem fundo). Isto ocorre em virtude de sua estrutura problemática, seu estado interrogativo assinalado pelo traçado dos objetos virtuais e sua restituição como paradoxo elementar da constituição do eu: o não-sentido sem o qual o sentido não se daria, o vácuo movente que perseguimos com a tarefa malograda de produção do sentido (Cf. Deleuze, 1974, p.214-215).

A repetição se mostra como forma da diferenciação da morte no inconsciente: mas repetição vazia, produzida no deslocamento em que o que se repete é o próprio disfarce, uma nova máscara, um novo objeto, uma *forma vazia do tempo*<sup>2</sup>.

A repetição também não é uma potência bruta e nua para além de disfarces que viriam a afetá-la secundariamente como variantes; ela se tece, ao contrário, no disfarce e no deslocamento como elementos constitutivos a que ela não preexiste. A morte não aparece no modelo objetivo de uma matéria indiferente inanimada a que o vivente “retornaria”; ela está presente no vivente, como experiência subjetiva e diferenciada provida de um protótipo. Ela não responde a um estado da matéria, mas corresponde, ao contrário, a uma pura forma que abjurou toda a matéria – a **forma vazia do tempo**. A morte é antes de tudo a forma derradeira do problemático, a fonte dos problemas e das questões, a marca de sua permanência acima de toda resposta, o Onde e o Quando? Que designa este (não)-ser em que toda afirmação se alimenta. (Deleuze, 2011, p. 148, grifo nosso)

Na repetição da excitação no princípio de prazer que rege o narcisismo aparece a energia neutra deslocável que a possibilita. Eis do que se trata quando Deleuze se refere a uma experiência da morte propriamente inconsciente. Por detrás da instauração do princípio de prazer, aquilo que possibilita e condiciona a existência de uma repetição da satisfação é um *instinto de morte* como princípio transcendental que não se opõe à Eros, mas sim o torna possível. “Seria um erro confundir as duas faces da morte, como se o instinto de morte se reduzisse a uma tendência à entropia crescente ou a um retorno à matéria inanimada” (Deleuze, 2011, p. 333). A repetição, o disfarce e o deslocamento constituintes do inconsciente são então as formas pelas quais a morte constitui as máscaras e o mascaramento. “Toda morte é dupla: pela anulação da grande diferença que ela representa em extensão, pelo formigamento e pela liberação das pequenas diferenças que ela implica em intensidade” (*Ibidem*).

Deleuze não pôde afirmar a existência de uma pulsão de morte ao lado das pulsões de vida porque a morte de que ele trata não se opõe nem se separa da vida, mas sustenta a existência simultânea e assimétrica de um instinto primário detrás de cada pulsão. Melhor dizendo, a vida carrega consigo uma morte tal qual o sem-fundo arrasta a vida consigo, o *unheimlich* sem o qual o eu não produz suas superfícies nem seus sentidos, mas que pode fazer, num único instante, toda organização desmoronar.

---

2 Este conceito fundamental em Blanchot surge no início de *O Livro Por Vir* (1959) ao abordar a experiência proustiana da memória involuntária. “Incidente ínfimo, perturbador, que rasga a trama do tempo e por esse rasgo nos introduz em outro mundo: fora do tempo, diz Proust com precipitação. Sim, afirma ele, o tempo está abolido, já que, numa captura real, fugidia, mas irrefutável, agarro o instante de Veneza e o instante de Guermantes, não um passado e um presente, mas uma mesma presença que faz coincidir, numa simultaneidade sensível, momentos incompatíveis, separados por todo o curso da duração. Eis, portanto o tempo apagado pelo próprio tempo; eis a morte, essa morte que é obra do tempo, suspensa, neutralizada, tornada vã e inofensiva. Que instante! Um momento “*liberto da ordem do tempo*”, e que recria em mim “*um homem liberto da ordem do tempo*”. (Blanchot, 2005, pp. 16-17)

Blanchot dizia que a morte tem dois aspectos: um, pessoal, que concerne ao Eu, ao eu, e que posso enfrentar numa luta ou a ela me juntar num limite, que posso em todo caso encontrar num presente que faz tudo passar; mas o outro aspecto, estranhamente impessoal, sem relação com o “eu”, nem presente nem passado, mas sempre por vir, fonte de uma aventura múltipla incessante numa questão que persiste. [...] Há sempre um morrer-se mais profundo do que o “eu morro”, e só os deuses é que morrem sem cessar e de múltiplas maneiras; como se surgissem mundos em que o individual não é mais aprisionado na forma pessoal do Eu [*Je*] e do eu [*moi*], nem mesmo o singular, aprisionado nos limites do indivíduo – em suma, o múltiplo insubordinado, que não se “reconhece” no primeiro aspecto. (Deleuze, 2011, p. 149)

A morte que caracteriza o inconsciente deleuziano estabelece com ele uma relação estrutural. A instauração dos objetos virtuais numa superfície se realiza por meio desta *outra* morte, desta morte diferencial na série dos objetos reais, onde o inconsciente, como evidência do tipo de morte da qual falava Blanchot, se forma pelas individuações e singularidades múltiplas anteriores à síntese *Eu [Je]* / eu [*moi*] que não cessam de ser produzidas num espaço neutro e criador, cujo devir diferencial se passa num tempo fora do tempo. “O tempo vazio, fora de seus gonzos, com sua ordem formal e estática rigorosa, seu conjunto esmagador, sua série irreversível, é exatamente o instinto de morte” (Deleuze, 2011, p.146). Para explicar a repetição foi preciso fazer a demonstração de um tempo que não passa, que se desenrola fora das relações de causalidade<sup>3</sup>. Mas é de todo o *pathos* que se trata quando falamos da morte, de todo o jogo de disfarces e deslocamentos constituídos na forma do paradoxo, da ambiguidade do tempo puro e do instinto de morte segundo marcas, cortes ou rupturas da superfície.

O conceito de pulsão de morte é inadequado para Deleuze não só porque não se trata da tendência da matéria ao inorgânico (Cf. Sanches, 2018, p. 107). A morte, ao contrário, é algo necessariamente intrínseco à constituição da vida e que se cria a partir dela como um duplo que repete, disfarça e desloca os objetos, o corpo, os signos sensíveis. A morte nestes termos é um agenciamento de neutralização, ou seja, uma operação de virtualização que eleva a vida à invisibilidade, ao desaparecimento. Esta morte diferida e neutra porque impessoal é central à heterogênesse descrita por Deleuze no processo de formação do inconsciente, onde a liberação dos fragmentos objetivos não assinala apenas o vazio do não-sentido, mas participam de um campo de determinações móveis de um regime de potências diferenciais. Como exterioridade radical que irrompe na interioridade, o *instinto de morte* é a “potência interna que libera os elementos individuantes da forma do Eu ou da matéria do eu que os aprisionam” (*Ibidem*). Instinto de morte também não é, como se poderia precipitadamente inferir, um mergulho na profundidade indiferenciada dos objetos em sua fragmentação, mas sim esta razão sem-fundo insurgente na superfície que os faz se deslocarem, se disfarçarem e se repetirem. Logo, *a energia neutra deslocável não está a serviço de Tânatos, porque ela é o próprio Tânatos*. Tânatos é, segundo Deleuze, o sem-fundo que irrompe na superfície do processo revolvedor de Eros das profundezas objetivos. O sem-fundo é este ponto aleatório em que o sentido é doado e onde mal tendo conquistado já o encontra na dissolução permanente do não-sentido. Sob o signo do outro, de sua diferença interna, a morte como instinto, próxima disto que Blanchot chamou de *outra* morte, se constitui sobre a ferida narcísica sempre aberta, na ligação volátil entre o eu e o sentido do mundo, onde o ponto indeterminado e aleatório que mobiliza o sistema psíquico é capaz de fazer surgir uma superfície,

3 “Thanatos significa uma outra síntese do tempo diferente de Eros, tanto mais exclusiva quanto ela é dele destacado, construída sobre seus restos. É ao mesmo tempo que Eros reflui sobre o eu – que o eu toma sobre si mesmo os disfarces e os deslocamentos que caracterizam os objetos, para fazer sua própria afecção mortal – que a libido perde todo o conteúdo mnésico e que o tempo perde sua figura circular, para tomar uma forma reta, impiedosa – e que o instinto de morte aparece, idêntico a esta forma pura, energia dessexualizada desta libido narcísica”. (Deleuze, 2011, p. 149).

um sentido. Dizendo de outra maneira, *à la* Blanchot, a *outra* morte se instaura não como impossibilidade, mas sim como perplexa possibilidade:

A repetição que, no fundo e no sem-fundo, precede o princípio de prazer, é agora vivida como tendo sido subvertida, subordinada a esse princípio (repete-se em função de um prazer anteriormente obtido ou a se obter). Os resultados da pesquisa transcendental são que Eros é o que torna possível a instauração do princípio empírico de prazer, mas sempre e necessariamente arrastando Tânatos consigo. Nem Eros nem Tânatos podem ser dados ou vividos. Apenas são dadas, na experiência, combinações dos dois – sendo o papel de Eros ligar a energia de Tânatos e submeter essas combinações ao princípio de prazer no isso. Por essa razão, apesar de Eros, como também Tânatos, não ser dado, pelo menos ele se faz ouvir e age. Mas Tânatos, o sem-fundo carregado por Eros, trazido à superfície, é essencialmente silencioso; e, com isso, ainda mais terrível. (Deleuze, 2009, p. 113-114)<sup>4</sup>

Ainda que o sem-fundo da morte esteja por toda a parte e a todo instante, por fora e por dentro, antes e depois, não deixa de ser ele mesmo aquilo que possibilita o sentido das superfícies metafísicas dos corpos. A ambiguidade permanece no seio do instinto de morte como princípio dinâmico do sujeito. Eros e Tânatos combinam-se de modo que as pulsões são a força constante resultante desta combinação cujo motor é a nossa necessidade de sentido, dada a presença também constante do não-sentido nas coisas. As pulsões combinam a excitação no objeto com a repetição e, por seus disfarces e deslocamentos, nunca descobrimos o conteúdo final, apenas seus destinos (satisfação num objeto = x, reversão ao seu oposto, retorno ao próprio eu, recalque, sublimação). O que se retém das pulsões parece ser apenas o vácuo deixado detrás de seus destinos, já que seus objetos últimos permanecerão desconhecidos.

### Do pensamento genital ao pensamento do fora

O pensamento é afetado por tal estatuto da morte e se transforma em seu exercício numa relação com o sem-fundo. O excesso na produção do sentido e do não-sentido dado no processo primário, isto que a psicanálise nomeia como posição esquizo-paranoide, Deleuze conceituará como processo esquizofrênico. Quando surge um corte neste fluxo é que se interrompe a produção intensiva dos objetos virtuais para criar-se a possibilidade da constituição global de um sujeito pela sua desfragmentação no recalque primário. O tempo só pode correr e o espaço se estabilizar sintetizados sobre uma superfície que os liga dando-lhes consistência e profundidade. Todavia, sempre haverá numa dessas estranhas falhas da superfície a insistência do sem-fundo e da não-relação, o risco da desmobilização da energia de ligação que mantém unidos os fragmentos, o retorno e a ameaça do tempo esquizo-paranoide. O que o narcisismo secundário fundou, para resistir à ameaça de desintegração foi, segundo Deleuze, a dessexualização, o desinvestimento das satisfações objetivas, liberando a libido para se ligar a traços e composições presentes no campo da linguagem, projetando no futuro o encontro com o objeto perdido<sup>5</sup>. É como se apenas aqui pudesse surgir o pensamento, e já com uma dupla ligação que vai do mundo exterior ao exterior do mundo.

4 “E se podemos juntar o futuro ou o depois às duas outras estruturas da repetição – o antes e o durante –, é porque essas duas estruturas correlatas só constituem a síntese do tempo abrindo e tornando possível um futuro nesse tempo; à repetição que liga e constitui o presente, à repetição que apaga e constitui o passado, junta-se, a partir de suas combinações, uma repetição que salva... ou que não salva. (Daí o papel decisivo da transferência como repetição progressiva, que libera e salva, ou fracassa)”. (Deleuze, 2011, p. 114)

5 “Com efeito, com a “ferida narcísica”, isto é, quando a linha fálica se transforma em traçado de castração, a libido que investia na superfície o ego do narcisismo secundário conhece, por sua vez, uma transmutação particularmente importante: aquela que Freud chama *dessexualização*, a energia dessexualizada parecendo-lhe ao mesmo tempo alimentar o instinto de morte e condicionar o mecanismo do pensamento. [...] esta última metamorfose incorre nos mesmos perigos que as outras e talvez de uma maneira ainda mais aguda: a fenda corre singularmente o risco de quebrar a superfície de que ela é, no entanto, inseparável, de ir se juntar

E quando Freud diz que é preciso ligar essa energia dessexualizada, como correlativo da libido tornada narcísica, o processo geral de pensar, devemos compreender que, contrariamente ao velho dilema, não se trata mais de saber se o pensamento é inato ou adquirido. **Nem inato, nem adquirido, ele é genital, isto é, dessexualizado, destacado deste fluxo que nos abre ao tempo vazio.** [...] Não se trata de adquirir o pensamento, nem exercê-lo como algo inato, mas de engendrar o ato de pensar no próprio pensamento, talvez sob o efeito de uma violência que faz com que a libido reflua sobre o eu narcísico e, paralelamente, faz com que Thanatos seja extraído de Eros e com que se abstraia o tempo de todo conteúdo para que seja extraída dele a forma pura. Há uma experiência da morte que corresponde a essa terceira síntese. (Deleuze, 2011, p. 150, grifo nosso)

Eis o que há de mais intrigante, *morte e libido parecem estar ligadas pela mesma energia neutra deslocável*. A partir do momento em que a energia de ligação se destacou da relação objetal e se neutralizou para introjetar objetos no processo primário ou se dessexualizou no narcisismo secundário, a morte forma dois momentos na constituição da libido. Como já vimos, a morte é sombria não pela desintegração que nos ameaça. Ela é mais estranha que os eventos traumáticos de dissolução do eu porque é o que surge como possibilidade de constituição uniforme do pensamento. *A impossibilidade de pensar que é própria ao pensamento*.

Blanchot havia pensado como a *outra* noite, esta que aparece em sua claridade no meio da noite escura, a qual não podemos não ver, se apresenta para Deleuze como o que se realiza de mais autêntico no próprio pensamento. Os pensamentos do fora, desta *outra* noite, são como os olhos invertidos por onde a profundidade inevitável se mostra não por meio de um mergulho, mas por um frêmito da superfície, um não-sentido que se destaca e faz o pensamento ser engendrado como o produto de um jorro da exterioridade no âmago da interioridade: engendrar o pensar no pensamento, marcar, traçar linhas intensivas na superfície, ameaçar a constituição global do sujeito por meio do desarranjo das faculdades, por uma abertura da ferida narcísica sem, contudo, desmoronar na posição esquizo-paranoide primária (Cf. Pelbart, 1989). O eu está sujeito a imperativos que o ligam diretamente com o sem-fundo, que deixam passar sua indeterminação ao campo neutro, e do campo neutro à determinação no pensamento, de modo ele se torna a presença de um dia no âmago da noite, a insônia que nos obriga a escrever com a transparência de um cristal os objetos e processos obscuros, monstruosos. A expressão literária aparece então como uma experiência privilegiada da expressão deste horror da profundidade perdida impressa na superfície do sentido por meio da escrita cuja possibilidade é dada pelo sem-fundo.

Como então devemos compreender o neutro? Nem determinação, nem indeterminação, nem ser nem não-ser, “nem um nem outro” como disse Foucault em *La pensée du dehors* (Foucault, 1966, p. 543-544)<sup>6</sup>, mas singularidades pré-individuais por onde as cicatrizes são destacadas em superfície. Superfície esta onde os corpos profundos são suspensos em fantasias sem espessura por

---

ao simples traçado da castração na outra superfície ou, pior ainda, de mergulhar na *Spaltung* das profundidades ou das alturas, levando todos os destroços de superfície nessa debandada generalizada em que o fim reencontra o ponto de partida e o instinto de morte as pulsões destruidoras no sem fundo – segundo a confusão que vimos precedentemente entre as duas figuras da morte: ponto central de obscuridade que não cessa de colocar o problema das relações do pensamento com a esquizofrenia e a depressão, com a *Spaltung* psicótica em geral e também a castração neurótica, “pois toda vida, bem entendido, é um processo de demolição”, inclusive a vida especulativa.” (DELEUZE, 1974, p. 215)

<sup>6</sup> “O movimento de atração, [...] põe a nu o que está antes de toda palavra, por baixo de todo mutismo: o ruído contínuo da linguagem. Linguagem que não é falada por ninguém: todo sujeito não desenha senão uma dobra gramatical. Linguagem que não se resolve em nenhum silêncio: toda irrupção forma somente uma mancha branca sobre esse pano sem costura. Ele abre um **espaço neutro** onde nenhuma existência pode se enraizar: sabemos desde Mallarmé que a palavra é a inexistência manifesta do que ela designa; sabemos agora que o ser da linguagem é o visível esfacelamento daquele que fala.”

meio das palavras<sup>7</sup>. Talvez este seja o *grande contra-efeito* da amálgama erótico-tanática. Ele destaca do rompimento da relação objetual uma energia de ligação a ser investida numa inexistência sem-fundo. Um corpo estranho que nos assombra, uma dor subsistindo onde já não há mais nem corte nem dor, no seio mesmo do pacto narcísico secundário, o medo ou a ânsia que são repetição em estado puro. E “este movimento pelo qual singularidades são emitidas ou antes restituídas por um eu que se dissolve ou se absorve na superfície, pertence essencialmente à fantasia” (Deleuze, 1974, p. 221).

Isto não quer dizer que o pensamento pensa na sexualidade, nem o pensador no casamento. É o pensamento que é a metamorfose do sexo, o pensador a metamorfose do casal [...] Da castração ao pensamento, mas o pensamento reinveste a castração como fissura cerebral, linha abstrata. Precisamente a fantasia vai do figurativo ao abstrato: ela começa pelo figurativo, mas deve prosseguir no abstrato. A fantasia é o processo de constituição do incorporal, a máquina para extrair um pouco de pensamento, repartir uma diferença de potencial nas bordas da fissura, para polarizar o campo cerebral. Ao mesmo tempo em que se volta sobre seu começo exterior (a castração mortal), ele não cessa de recomeçar seu começo interior (movimento da dessexualização). É nisso que a fantasia tem a propriedade de colocar em contato com o exterior e o interior e de reuni-los em um só lado. Eis porque é o lugar do eterno retorno. (Deleuze, 1974, p.227-228. Tradução adaptada)

Destacar de um corpo profundo um traçado incorporal para compor o ordenamento das imagens da superfície em que se desenvolverá abstratamente o próprio pensamento só é possível a partir da inserção da *outra* morte no recalque primário que, por sua vez, libera o reinvestimento da libido no espaço virtual da repetição. Repetir, portanto, é atributo da superfície, mas uma repetição em estado puro, que não diz respeito à repetição de determinado objeto ou de sua representação, pois se trata de uma repetição outra, a quem a morte incumbe a sua diferenciação, uma repetição da diferença.

O eterno retorno como repetição da diferença, produz o revolvimento das individuações pré-pessoais na superfície do sentido-acontecimento e é todo ele condicionado, segundo Deleuze, pela dinâmica ambígua, diferencial, de Tânatos. A relação entre o instinto de morte e a superfície resulta na formação do pensamento no narcisismo secundário. Curioso ser neste ponto, onde o pensamento se constitui por um rasgo da morte e por um deslocamento da libido dessexualizada, que Deleuze convoca novamente Blanchot para dar um passo além ao tratar do surgimento da linguagem a partir do elemento infinitivo do verbo liberado por tal instinto de morte:

[...] o eu narcísico olha-a [a morte] de dois lados, segundo as duas figuras descritas por Blanchot – a morte pessoal e presente, que dilacera e “contradiz” o eu, abandona-o às *pulsões destruidoras* das profundidades tanto quanto aos golpes do exterior, mas também à morte impessoal e infinitiva, que “distancia” o eu, fá-lo largar as singularidades que retinha, eleva-o ao *instinto de morte* sobre a outra superfície em que “se” morre, em que não se cessa e não se acaba mais de morrer. [...] Somente a vitória do cérebro, se ela se produz, libera a boca para falar, dos alimentos excrementais e das vozes retiradas e a nutre uma vez com todas as palavras possíveis. (Deleuze, 1974, p. 230)

7 Na citação a seguir da trigésima série da *Lógica do Sentido* é preciso retificar a tradução de *phantasme*, pois não se trata de fantasma, mas sim de fantasia. “Precisamente, parece-nos que a fantasia, propriamente falando, não encontra sua origem senão no eu narcísico secundário, com o ferimento narcísico, com a neutralização, a simbolização e a sublimação que se seguem. Neste sentido não é somente inseparável das transformações gramaticais, mas do infinitivo neutro, como matéria ideal destas transformações. A fantasia é um fenômeno de superfície, um fenômeno que se forma em um certo momento no desenvolvimento das superfícies. Eis por que preferimos a palavra *simulacro* para designar os objetos das profundidades (que já não são mais “objetos naturais”), assim como o devir que lhes corresponde e as inversões que os caracterizam”. (Deleuze, 1974, p.223. tradução adaptada).

O cérebro, aqui entendido como esta nova configuração da superfície no narcisismo secundário a substituir o falo na totalização do indivíduo, é quem vai investir a energia neutra nas palavras. Por meio das palavras serão balizadas as pulsões de conservação e as pulsões destruidoras. As palavras-efeitos, que carregavam consigo pedaços de carne, que tinham a solidez das rochas e a periculosidade das lâminas, se separam segundo os jogos de superfície que a linguagem vai formar. Novamente é a morte quem intervém para esta operação de separação entre as palavras e coisas, este corte radical do narcisismo secundário. “É aí que termina a luta da boca e do cérebro: esta luta pela independência dos sons, nós a vimos prosseguir a partir dos ruídos alimentares excrementais que ocupavam a boca-ânus em profundidade; depois, com o isolamento de uma voz em altura; depois, com a primeira formação da superfície e das palavras”<sup>8</sup>. Aqui acontece algo ainda mais estranho, pois frequentemente se parte da hipótese de que a expressão da linguagem compõe as superfícies e destacam suas fantasias dos disfarces e deslocamentos a partir de uma região infinitiva e impessoal criada no extra-ser: o verbo<sup>9</sup>. *O que Deleuze nos mostra é que a morte que possibilitou o advento metafísico da linguagem e que está condicionada pela infinitude e impessoalidade da outra morte, precede-a na organização do inconsciente como instinto. Só pode haver forma pura e vazia do tempo porque há este instinto de morte como ‘grau zero’ do psiquismo e da linguagem, o vazio de onde eles partem e se determinam. Em suma, só há verbo, e, por conseguinte, linguagem, porque há algo como uma morte no inconsciente que fornece de antemão sua dimensão infinitiva.*

Mas falar, no sentido completo da palavra, supõe o verbo e passa pelo verbo, que projeta a boca sobre a superfície metafísica e a preenche com acontecimentos ideais desta superfície [...] O não-sentido então é como o ponto zero do pensamento, o ponto aleatório da energia dessexualizada, instinto pontual da morte; o Aion ou a forma vazia, Infinitivo puro, é a linha traçada por este ponto, fissura cerebral nos limites da qual aparece o acontecimento” (Deleuze, 1974, p.248-249)

Instinto de morte como possibilidade de desrealização das coisas e desidentificação de si mesmo; forma vazia do tempo como produtora da superfície metafísica à qual se ligam os sentidos e acontecimentos incorporais e; fissura cerebral como o sem-fundo que ao mesmo tempo condiciona e ameaça o eu são agora as diversas faces do não-sentido: o que aparece aqui é a linguagem e o pensamento articulados por estes três elementos do inconsciente que nos mostram como não há em definitivo uma falta originária senão um perpétuo deslocamento como repetição no instinto de morte. De fato, tal deslocamento, e sua maneira de constituir disfarces, atestam mais uma produção baseada no excesso do que na falta. Linguagem e pensamento são recortados pelo fora, pela fissura da qual os sentidos agora transbordam e se diferenciam<sup>10</sup>.

8 Deleuze, 1974, p.248.

9 “Os acontecimentos puros são resultados, mas resultados de segundo grau. É verdade que o fantasma reintegra, retoma tudo na retomada de seu próprio movimento. Mas tudo mudou. Não que os alimentos tenham se tornado alimentos espirituais, as copulações gestos do espírito. Mas cada vez se destacou um verbo orgulhoso e brilhante, distinto das coisas e dos corpos, dos estados de coisas e das suas qualidades, de suas ações e de suas paixões: como o *verdejar* distinto da árvore e de seu verde, um *comer* distinto dos alimentos e suas qualidades consumíveis, um *acasalar-se* distinto dos corpos e de seus sexos – verdades eternas. [...] A metamorfose consiste, para cada coisa no isolamento de um *aliquid* que é ao mesmo tempo o seu *atributo noemático* e o *exprimível noético*. Eterna verdade, sentido que sobrevoa e plana por cima dos corpos. É aí, somente que morrer e matar, castrar e ser castrado, reparar e fazer vir, ferir e retirar, devorar e ser devorado, introjetar e projetar, tornam-se acontecimentos puros, sobre a superfície metafísica que os transforma, onde seu infinitivo se extrai”. (Deleuze, 1974, p. 228-229)

10 “A repetição é a potência da linguagem; e longe de se explicar de maneira negativa, por um defeito de conceitos nominais, ela implica uma ideia da poesia sempre excessiva. Os níveis coexistentes de uma totalidade psíquica podem ser considerados, após as singularidades que os caracterizam, como se atualizando em séries diferenciais”. (Deleuze, 2011, p. 372)

Assim, a morte encontra sua diferença interna na *outra* morte, mais estranha e obscura porque vívida, embora silenciosa, e o tempo recuperará sua forma pura e vazia num *espaço criador*. Inserida a instabilidade radical no interior mesmo das coisas, do mundo e dos sujeitos como um não-sentido extravasante da morte e do tempo diferidos, se trata, também para Blanchot (2011a, pp. 311-351; 2011b, pp. 31-32; 2005, pp. 285-295), de evidenciar o princípio de desaparecimento perpétuo que a linguagem pode submeter o eu, as coisas e o mundo. Eis o que nos parece significar, enfim, a ideia de *effondement*, o momento preciso em que o tempo se encontra com a morte. Assim como na *outra* noite o dia irrompia no seio da noite profunda e congelava sua devastação num salto improvável para a descrição de uma experiência intensiva, possibilitando então a narrativa, o *effondement* é o momento em que o tempo rui para constituir um ‘espaço criador’ (Blanchot, 2005, p.17, p. 328; 2011b, pp. 24-25) por meio do qual os fenômenos da repetição se engendram. A repetição é uma falha no tempo quantitativo, e como tal atesta uma fissura no modo de constituição da experiência em geral. Por meio dela criamos os sentidos, mas também por ela encontramos o buraco sem-fundo da superfície do sentido. Em outras palavras, se o problema do nominalismo consiste em estabelecer que o limite das minhas palavras é também o limite do meu mundo, coube à filosofia da diferença ir além para dizer que minha linguagem, numa lógica de implicação recíproca com o campo de intensidades pré-individuais, pode se tornar ilimitada e por isso mesmo fazer todo o mundo fenomênico, como superfície que é, desabar não por ausência, mas por excesso de sentido. O tempo para quando encontra a morte, por isso é que narrar é uma experiência que se constitui fora do tempo e fora da vida, ainda que no mais íntimo deles. Pois a morte, o tempo, a noite, são disfarces para o outro, a alteridade, enfim, a diferença nos processos ilimitados de diferenciação.

## Conclusão

Podemos afirmar que, entre diversos pensamentos filosóficos, o pensamento de Blanchot é convocado para aprofundar a linha interpretativa que Deleuze oferta à psicanálise, em *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido*, como psicanálise do sentido a partir de sua concepção de morte. Tal concepção diz respeito à natureza incessantemente reversível do inconsciente, onde criação e destruição compartilham o mesmo fundamento sem-fundo. E parece ser exatamente aqui que o projeto crítico e clínico ganha consistência:

[...] extrair dos sintomas a parte inefetuável do acontecimento puro – como diz Blanchot, elevar o visível ao invisível –, levar ações e paixões quotidianas como comer, cagar, amar, falar, morrer até o seu atributo noemático, acontecimento puro correspondente, passar da superfície física onde atuam os sintomas e se decidem as efetuações para a superfície metafísica em que se desenha, desempenha o acontecimento puro, passar da causa dos sintomas à quase causa da obra, – é o objeto do romance como obra de arte e o que o distingue do romance familiar. Em outros termos, o caráter positivo, altamente afirmativo, da dessexualização, consiste nisso: *que o investimento especulativo substitua a regressão psíquica*. (Deleuze, 1974, p. 245)

Crítica e clínica, como pensou Deleuze, talvez diga respeito a este modo de não regredir no sem-fundo, sem, contudo, estancá-lo. Este caminho para reinvestir o *effondement* e todo o risco do abismo esquizofrênico por meio da morte diferida que é a escrita, numa solução especulativa de compromisso. Isto é, a literatura é uma forma privilegiada de pensamento conquanto expresse o problemático em sua forma imperativa (como na *outra* noite) porque é uma espécie de resultante do processo de determinação que engendra o próprio pensamento. Após o desmoronamento do eu,

resta o pensamento a resgatar os fragmentos da superfície dessexualizada reinvestindo sua energia de ligação na linguagem. Eis o pensamento do fora em sua relação com a psicanálise do sentido.

## Referências

- BLANCHOT, Maurice. *La Part du Feu*. Paris: Gallimard. 1949
- BLANCHOT, Maurice. *L'Espace Littéraire*. Paris: Gallimard. 1955
- BLANCHOT, Maurice. *Le Livre à Venir*. Paris: Gallimard. 1959.
- BLANCHOT, Maurice. *L'Entretien Infini*. Paris: Gallimard. 1969
- COLLIN, Françoise. *Maurice Blanchot et la question de l'écriture*. Paris: Gallimard, 1971.
- DAVID-MÉNARD, M. *Deleuze et la psychanalyse: l'altercation*. Paris: PUF, 2005.
- DELEUZE, Gilles. “O método de dramatização” In: *A Ilha deserta e outros textos*. Iluminuras, 2004.
- DELEUZE, Gilles. *Différence et Répétition*. Paris: PUF, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz R. Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- FERREIRA, F. “A Esquizofrenia de Diferença e Repetição à Lógica do Sentido”. In: *Revista Limiar*, v. 2, n° 4. Guarulhos, 2016. pp. 23-56.
- FOUCAULT, Michel. “La Pensée du Dehors”. In: *Dits et Écrits I*, 1964-1969. Paris: Gallimard, 1994.
- HOPPENOT, Eric & MILON, Alain. (orgs). *Maurice Blanchot et la Philosophie*. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010.
- MONTEBELLO, P. “L’Instinct de mort chez Deleuze: La controverse avec la psychanalyse”. In: *Doispontos*, v.8, n.2. Curitiba, 2011. pp. 15-26.
- PELBART, Peter. *A Clausura do fora e o fora da clausura*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- SANCHES, A. “O instinto de morte e o “além do princípio de prazer”: um diálogo entre Sabina Spielrein e Gilles Deleuze”. In: *Revista Natureza Humana*. v.20, n.1. São Paulo, 2018. pp. 98-114.
- SANCHES, A. “Inconsciente e Instinto de Morte: um itinerário do debate inicial de Deleuze com a psicanálise”. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar, 2013.
- ZARADER, Marlène. *L'Être et le neutre: à partir de Maurice Blanchot*. Lagrasse: Verdier: 2001

---

**Autor(a) para correspondência / Corresponding author:** Adriano Henrique de Souza Ferraz. [adrianohsferraz@gmail.com](mailto:adrianohsferraz@gmail.com)